

RESENHA DE *MITOS DE LINGUAGEM*MITOS DA LINGUAGEM *REVIEW*Juliana Fogiato Rodrigues¹

Assim como a palavra “*mitos*” encontra-se carimbada na capa do livro *Mitos de linguagem* (2017), “*eles*” encontram-se também “carimbados” na sociedade, fomentados por uma postura de pouca ou nenhuma busca por conhecimento científico assumida por muitas pessoas quando o assunto é a linguagem. Essa mesma postura pode ser entendida como um dos fatores que permitem a continuidade, até hoje, do que Carlos Alberto Faraco², em seu livro *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*, denomina *norma curta*. Essa, segundo o autor, corresponde a “um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro” (FARACO, 2008, p. 92). A norma curta, portanto, dá margem a todo tipo de desqualificação não só das variedades existentes em uma língua, mas também — e principalmente — de seus falantes. Refletir sobre a linguagem e sobre os mitos que a cercam é, portanto, uma atitude de grande importância e de necessidade inestimável. É justamente essa reflexão que Gabriel de Ávila Othero³ traz em sua obra cativante: ora combinando tal reflexão à desconstrução completa de alguns mitos, ora à relativização da veracidade de outros.

¹ Graduanda, UFPR.

² Linguista, professor Titular (aposentado), UFPR.

³ Linguista, professor, UFRGS.

Resultado de leituras realizadas por Othero, bem como de práticas realizadas em sala de aula com os calouros do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), *Mitos de linguagem* (2017) estrutura-se essencialmente em dez capítulos, cada um destinado a um mito específico. Há, ainda, um capítulo introdutório em que o autor apresenta um pouco do processo de criação do livro e um capítulo final que traz as referências bibliográficas.

A primeira discussão levantada por Othero é sobre o mito de as mulheres falarem demais (“MITO 1: As mulheres falam demais” (OTHERO, 2017). A escolha de “abrir” o livro com esse tema especificamente se torna muito compreensível ao considerar-se a época em que vivemos, época essa, como bem colocado pelo autor, “em que a expectativa social é de que a mulher seja ‘bela, recatada e do lar” (OTHERO, 2017, p. 25). Nesse sentido, são de extrema importância suas conclusões de que, sob um viés biológico, não haveria evidências de que as mulheres, de fato, falam mais do que os homens. Em contrapartida, sob um viés cultural, Othero relativiza a veracidade dessa crença, reconhecendo que se por um lado as mulheres tendem a falar mais nas situações em que a posse do turno de fala não representa uma disputa de *status* (situações particulares e familiares, por exemplo), por outro, quando a posse da fala representa *status* (ocasiões públicas) são os homens que tendem a dominá-la. Othero vai adiante e aponta que os homens ainda tolheriam a manifestação das mulheres através do *mansplaining*⁴ e do *maninterrupting*⁵. De fato, essa é uma triste realidade que ainda hoje existe na relação entre homens e mulheres nos mais variados contextos; pode-se tomar como exemplo o caso da ministra do Supremo Tribunal Federal Rosa Weber que, durante o pronunciamento do seu voto no julgamento de um processo que

⁴ *Mansplaining* é a junção dos termos em inglês *man* (homem) e *explaining* (explicando) e refere-se à atitude de um homem explicar algo a uma mulher de maneira superior (OTHERO, 2017).

⁵ *Maninterrupting* é a junção dos termos em inglês *man* (homem) e *interrupting* (interrompendo) e refere-se à atitude de um homem de interromper a fala de uma mulher e tomar a palavra para si (OTHERO, 2017).

tramitava no STF, foi interrompida repetidas vezes por alguns ministros da casa (MARTINELLI, 2018, não paginado).

Nos três capítulos seguintes (“MITO 2: A gramática do português não tem lógica”, “MITO 3: Ninguém fala o português correto, certo?” e “MITO 4: A língua portuguesa é uma das mais difíceis do mundo”, respectivamente), bem como no sétimo capítulo (“A língua dos índios é muito rudimentar” (OTHERO, 2017)), é possível reconhecer a presença de um princípio linguístico em comum: o fato de todas as línguas serem complexas. No segundo capítulo, este dado está em grande medida associado à outra definição de gramática trazida pelo autor e que vai muito além daquela de gramática enquanto instrumentos normativos – os quais, reconhece Othero, parecem de fato não ter lógica alguma. Esta outra concepção diz respeito a “um conjunto de conhecimentos implícitos que todos os falantes temos a respeito das regras de funcionamento e estruturação da nossa língua. E, nesse sentido, a gramática é bastante lógica” (OTHERO, 2017, p. 38). Assim, esse conjunto de conhecimentos implícitos atribui não só lógica à gramática, mas também complexidade à língua, uma vez que estão relacionados a processos de aquisição de linguagem. No capítulo seguinte (“MITO 3: Ninguém fala o português correto, certo?”), a complexidade da língua se coloca no sentido de existirem diversas normas/variedades do português e de todas elas possuírem uma organização estrutural – seguirem os conhecimentos implícitos/internalizados dos falantes. Nesse sentido, esse mito perde sua validade, visto que não existiria *um único* português correto, mas *vários* “portugueses” (normas/variedades) corretos. No capítulo “MITO 4: A língua portuguesa é uma das mais difíceis do mundo” (OTHERO, 2017), é possível reconhecer o princípio de que todas as línguas são igualmente complexas no seu sentido mais literal: todas as línguas são complexas, logo não existiriam línguas “mais fáceis” ou “mais difíceis”. O que o autor especifica “é que algumas línguas são mais fáceis do que outras *em aspectos específicos*.” (p. 64, grifo da resenhista). Para ilustrar tal colocação, Othero realiza

comparações bastante elucidativas entre diferentes aspectos – tais como o número de vogais e a morfologia verbal – do português brasileiro, do inglês e do espanhol. Assim, pode-se dizer que o autor realiza uma desconstrução completa do mito em questão. O mesmo ocorre no sétimo capítulo, em que Gabriel Othero desconstrói a ideia de que “a língua dos índios é inferior”:

Sua própria formulação é imprópria: não há uma “língua dos índios”. Há diversas línguas indígenas faladas por diferentes comunidades indígenas. E nenhuma dessas línguas é “rudimentar”, em qualquer sentido que se possa pensar. As línguas indígenas são extremamente complexas – tão complexas quanto qualquer outra língua natural, como o português, o francês, o alemão, o chinês ou o japonês.” (OTHERO, 2017, p. 109).

Os capítulos que tratam dos mitos 5 e 6 (“A ortografia do português é cheia de exceções” e “Todo mundo tem sotaque, menos eu”, respectivamente (OTHERO, 2017)) relacionam-se com as concepções de falta de correspondência entre fala e escrita e as variadas formas de se falar, ou seja, os sotaques. Ao tratar do MITO 5, o autor reconhece que, de fato, o sistema ortográfico do português brasileiro “segue diferentes tipos de princípios, o que acaba gerando algumas contradições” (OTHERO, 2017, p. 80). Othero aponta que uma das questões enfrentadas pelo sistema ortográfico a fim de driblar a falta de correspondência entre fala e escrita é justamente a das variações presentes na língua – regionais ou ainda as que uma mesma pessoa apresenta na pronúncia de algumas palavras. Tais variações caracterizam os chamados sotaques e, nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre esse mito e o seguinte, que trata dos sotaques e, mais especificamente, da crença de que “todo mundo tem sotaque, menos eu”. Neste sexto capítulo, Gabriel Othero outra vez desconstrói o mito, afirmando que “*todos têm sotaque*” (p. 101). O autor aponta, no entanto, que a falsa impressão de que uma pessoa tem de ser a única exceção quanto a possuir peculiaridades na fala deve-se ao fato de que essa é uma questão de ponto de vista, posto que essas variações estão intimamente relacionadas à origem geográfica e à

classe social de cada um. Othero dá especial atenção aos teores geográfico e social dos sotaques no final do capítulo, ao colocar que “a língua é a maneira mais fácil de mostrar sua identidade como pertencente a determinado grupo, social ou geográfico” (p. 106) e, ainda, ao discorrer brevemente sobre o *princípio da inferioridade linguística*⁶.

Nos três capítulos finais do livro (“MITO 8: Depois de adulto, é praticamente impossível aprender uma nova língua”, “MITO 9: Os animais têm uma forma de comunicação tão complexa quanto a nossa” e “MITO 10: No futuro contaremos com um tradutor automático universal que traduzirá automaticamente qualquer frase de qualquer língua”), são abordadas questões sobre aquisição de linguagem (capítulo 8); sobre características únicas e exclusivas da linguagem humana, como a atemporalidade, a criatividade linguística e a recursividade (capítulo 9); e sobre a eficácia de tradutores automáticos na tradução de diferentes tipos de textos – técnicos e literários – entre diferentes línguas (capítulo 10). Ao final deste último capítulo especificamente, é bem colocado pelo autor que ao se considerar que são faladas cerca de 5000 a 6000 línguas, hoje, no mundo inteiro, e que apenas umas poucas teriam acesso aos tradutores automáticos, a veracidade desse mito sobre uma tradução automática de *qualquer frase de qualquer língua* é, no mínimo, posta em xeque.

Além de trazer reflexões e debates sobre a linguagem, que são tão necessários, embora ainda pouco praticados, *Mitos de linguagem* merece créditos também pela maneira como o faz. A linguagem fácil, juntamente com exemplificações esclarecedoras, permite uma boa compreensão de aspectos linguísticos mais técnicos – como ocorre no capítulo 2, em que o autor explica que a transcrição fonética [pur.^hke] equivale, no dialeto dele, ao que ortograficamente é grafado como *por que*, *por quê* e *porquê*. Além disso, a escolha de Gabriel Othero pela primeira pessoa verbal,

⁶ “a fala de um grupo social de prestígio será considerada superior à fala de um grupo desprestigiado na sociedade.” (p. 106).

tanto do singular quanto do plural – “No começo de cada ano letivo, *costumo* ministrar uma disciplina chamada ‘Conceitos Básicos de Linguística’” (OTHERO, 2017, p. 09, grifo da resenhista); “*Ouvimos* isso a todo momento.” (p. 47, grifo da resenhista) –, e por propor interjeições – “Esse me parece um tipo de conhecimento bastante sofisticado, *não?*” (p. 41, grifo da resenhista) – parece aproximar o leitor do texto, quase como se ele e o autor estivessem dialogando. A indicação, ao final de cada capítulo, de leituras complementares é mais um ponto positivo da obra, uma vez que oferece as fontes através das quais o leitor pode ampliar seus conhecimentos sobre temas presentes no livro. Todos esses elementos, sem dúvida, tornam a experiência de leitura muito mais fluida e instigante, para dizer o mínimo. *Mitos de linguagem* é, portanto, muito recomendável tanto para estudantes de Letras quanto para o público em geral.

REFERÊNCIAS

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINELLI, Andréa. *A ministra Rosa Weber e a comum 'interrupção masculina' no STF*. Huffpost Brasil, não paginado, Abr. 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/04/05/rosa-weber-e-a-comum-interruptao-masculina-no-stf-e-em-outros-ambientes-de-poder_a_23403969/>. Acesso em: 17 abr. 2018.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *Mitos de Linguagem*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

Recebido em 10/08/2018

Aceito em 02/09/2018